



VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 9ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, trazemos aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(as) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨



Na foto, Evandro Salles, curador do CCJF, Simone Schreiber, diretora-geral do CCJF, César Oiticica Filho, artista visual, Chico Buarque, cantor e compositor, Francisco Proner, fotógrafo, e Carol Proner, advogada.

Abertura de três exposições no CCJF em novembro, com presença ilustre de Chico Buarque

O 1º andar do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), na Cinelândia, centro do Rio de Janeiro, está transbordando arte. No sábado, dia 9/11, aconteceu a abertura de três exposições, gratuitas, que ocupam as galerias e o Gabinete de Fotografia do CCJF até 16 de fevereiro de 2025, de terça a domingo, das 11h às 19h. As *mostras Infinitos - Pinturas Recentes de Maria Lynch*, *Espaços Quânticos*, de César Oiticica Filho e *Lona Preta: o MST no Olhar de Francisco Proner*, se valem de contrastes inspiradores, sejam eles visuais, como é o caso das obras dos artistas Maria Lynch e César Oiticica Filho – que experimentam uma mescla de cores vibrantes e variações de formas –, ou sociais por meio das fotografias em preto e branco do fotojornalista Francisco Proner, que documenta a vida e luta do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) do Brasil. A

CCJF funcionará durante o recesso do judiciário



Durante o recesso judiciário (entre os dias 20 de dezembro e 06 de janeiro), a cafeteria, as galerias de exposições, o gabinete de fotografia e a Sala de Sessões funcionarão normalmente, exceto nos dias 24, 25 e 31 de dezembro e 1º de janeiro. Venha nos visitar!

Informamos também que a **Biblioteca estará fechada** e as **visitas orientadas suspensas** no período do recesso, retornando as atividades a partir do **dia 7 de janeiro**.

ocasião foi propícia para a visita de convidados ilustres, dentre eles o cantor, compositor, dramaturgo e escritor brasileiro, Chico Buarque, ícone da história do país.

Chico interagiu com a sala sensorial de Cesar Oiticica, deitando nos tapetes de palha para ter a experiência completa que o espaço oferece, além de contemplar os quadros e fotos das mostras. Sobre o tema MST, de *Lona Preta*, ele confessou ter afinidade com o assunto, especialmente em função do massacre do Eldorado Carajás, ocorrido em 1996, no sul do Pará. “De certa forma, acompanhei a tragédia quando trabalhei junto com o Sebastião Salgado e José Saramago, no livro “Terra”, que aborda esse episódio sangrento, terrível e o Fran (Francisco Proner) retrata isso com propriedade, ele vai atrás, não só fotografa, mas se integra à fotografia e ao ambiente”, ressaltou Chico.



Parte da parede expondo as fotografias de Francisco Proner, no Gabinete de Fotografia do CCJF.

Mabel Chaves, socióloga, que deixou o país em 1980, durante a Ditadura Militar, e passou anos em Genebra, na Suíça, se emocionou com as obras de Proner. “Retratar a luta do MST me toca muito. Sempre trabalhei com temas sociais. Meu marido foi autoridade no refúgio político, sempre fomos muito interessados pela realidade dos sem terra, é algo vanguardista, maravilhoso. Falo isso com nó na garganta, de emoção”, conta Mabel. Ao se deparar com as obras de *Espaços Quânticos*, Eduardo Folly, administrador de empresas, ficou impressionado. Ele explica que conseguiu admirar o trabalho, que inclui pinturas em tela e impressões em tecidos que reproduzem as imagens “quânticas” – construídas com base na sobreposição de cores, luz e papel fotográfico –, não apenas por um único ângulo mas em vários deles. “Conseguí navegar em cada obra por ângulos diferentes, enxergar assuntos diferentes e isso me remeteu demais a física quântica que traz todo um universo. Ao contemplar as obras do artista, consegui entendê-las de diversas formas e isso me chamou muito a atenção”, destacou.

‘Pegue e Leve’, a nova iniciativa do CCJF, já disponível no hall de entrada



Desde o último dia 29, a Biblioteca do CCJF, passou a disponibilizar livros de forma gratuita para quem se interessar.

O carrinho do *Pegue e Leve* fica próximo à Cafeteria Café com Arte, localizada no térreo.

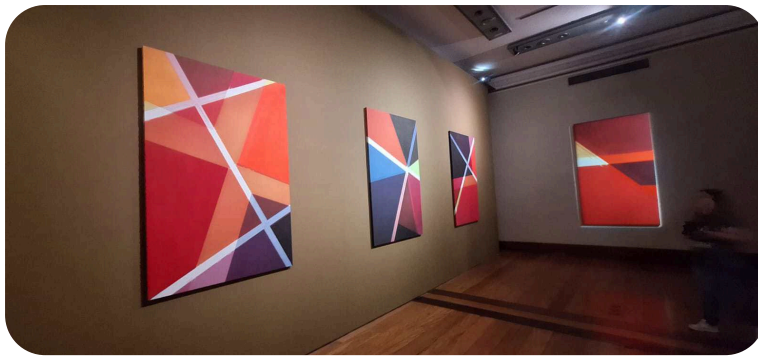
É fácil, rápido e sem complicação! Basta pegar e levar. Viva a leitura!

A história do CCJF: agende sua visita!



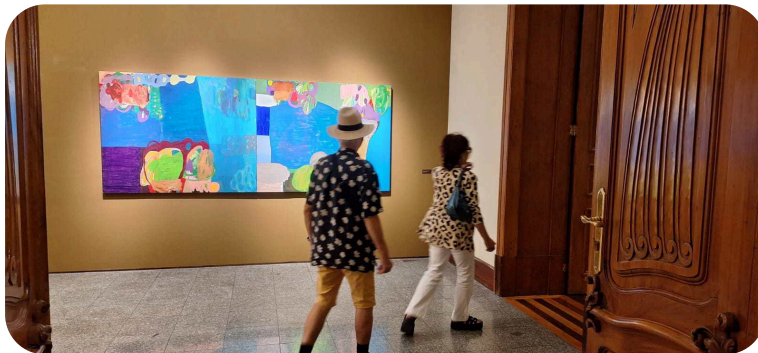
O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da



Parte da parede telas de Cesar Oiticica Filho, em uma das galerias de exposições do CCJF.

As obras de Maria Lynch também agradavam bastante o público, que comentava sobre elas entusiasmado sobre a composição de cores, temas e inclusive o tamanho das obras selecionadas, enquanto circulava nas galerias, no dia da abertura. Uma das telas, inclusive, precisou ser transportada em um caminhão maior para conseguir chegar ao espaço e ser exibida aos visitantes. “A exposição de Maria Lynch surpreende pelas incríveis cores e grandes dimensões propostas em cada obra. Gostei bastante das combinações e de como as cores conversam. Sou fã!”, comentou Clauky Boom, poeta e artista visual que conferiu a abertura da mostra.



Uma das telas de Maria Lynch, que ocupa as galerias de exposições do CCJF.



reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

Visitas orientadas

(exceto no recesso judiciário e feriados):

De terça a sexta
das 14h às 17h

Gratuito

O agendamento pode ser feito pelo e-mail:

visitas.ccjf@trf2.jus.br

Refúgio para a mente (e para os olhos)



Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar, além de computadores com acesso gratuito à Internet.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca e acessar a Internet a partir de nossos computadores locais.

No palco, Geovana Pires, atriz e idealizadora da peça, se apresentando para o público do CCJF.

Perigosas Damas: vozes pela liberdade feminina

Com frases marcantes e o resgate de histórias do início do sistema prisional feminino no Brasil, o espetáculo *Perigosas Damas* realizou, em novembro, uma temporada de sucesso no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). O solo, feito pela idealizadora e atriz, Geovana Pires, foi baseado no livro “Histórias de um silêncio eloquente”, de Thaís Dumet, em que um revezamento de interpretações de vivências reais com versões em *rap* de poemas de Elisa Lucinda, abre portas para a reflexão sobre a igualdade de gênero.

A peça exalta a liberdade dessas mulheres que um dia foram encarceradas em manicômios, conventos e sistemas prisionais por serem sexualizadas, lésbicas, extrovertidas, inteligentes, terem repulsa sexual ao marido, praticarem a cartomancia, prostituição, entre outros milhares de motivos que são criticados abertamente durante o espetáculo, causando inquietação e indignação da plateia.

No palco, Geovana relata buscar entender como chegamos até aqui com instituições como a igreja, o judiciário, a medicina e o Estado criando políticas para conter e domesticar as mulheres. “Fiquei impactada com a pesquisa de Thaís Dumêt sobre aquelas que, mesmo depois de mortas, foram silenciadas. Quis trazer histórias antigas e reais para que possamos entender que essa luta das mulheres por liberdade atravessa os séculos”, reflete a atriz.



A biblioteca e a Sala de Leitura estão abertas ao público de **terça a sexta**, das **12h às 17h**, exceto no recesso judiciário e feriados.



Programação do CCJF no WhatsApp

Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)



Fábio Negróni, no violão, Alcides Sodré, no vocal, e Ana Paula Cruz, na flauta, se apresentam no palco do CCJF.

Tributo ao mestre Agostinho dos Santos marca mais uma passagem de Alcides Sodré nos palcos do CCJF

No dia 12 de novembro, o público do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** pôde prestigiar a segunda apresentação do ano do músico Alcides Sodré, no Teatro do CCJF. No mês em que se reforça a luta contra a desigualdade racial, celebrando o Dia de Zumbi dos Palmares (20), símbolo da resistência negra no país, Alcides prestou homenagem ao renomado intérprete da música brasileira Agostinho dos Santos, que fez sucesso no Brasil e no exterior na década de 1970, abrindo caminhos para nomes como Milton Nascimento, por exemplo. Agostinho se consagrou no *Carnegie Hall*, em Nova York, como o artista mais aplaudido da noite e immortalizou canções como *Manhã de carnaval* (Luiz Bonfá e Antônio Maria) e *A felicidade* (Tom e Vinícius), ambas do filme brasileiro *Orfeu Negro*. “Agostinho dos Santos é um rei. Um dos nossos maiores cantores de todos os tempos. Foi um preto notável que não se rendeu a amarras e imposições e cantou tudo o que quis. Ele foi um dos responsáveis por internacionalizar a música brasileira”, ressalta Alcides Sodré.

No show *Leva-me Contigo - Tributo a Agostinho dos Santos*, o artista, acompanhado por Fábio Negróni no violão, na guitarra e nos arranjos, cantou sucessos como *Manhã de carnaval* (Luiz Bonfá/Antônio Maria), *Leva-me contigo* (Dolores Duran), *Dindi* (Tom Jobim/Aloysio de Oliveira) e *Travessia* (Milton Nascimento). A receptividade do público foi extremamente positiva. Muitos, inclusive, tiveram o primeiro contato com a obra de Agostinho naquele dia. “Fico feliz de prestar esse serviço, de levar essas canções às pessoas e, sobretudo,

compartilhar mais sobre esse artista que tanto me representa em um mês tão importante para nossa raça, para nossa existência. Só tenho a agradecer o CCJF que tem uma produção muito criteriosa e cuidadosa”, destaca o músico ao lembrar da importância urgente da conscientização da população com relação ao racismo estrutural. “Eu, como preto que sou há 52 anos, sempre tive consciência dessa cor e estamos precisando muito que a sociedade brasileira entenda sobre as questões raciais e saiba que não somos minoria, mas sim minorizados, que é uma coisa bem diferente”, completa.

Tatiana Barboza foi uma das espectadoras do show tributo. Ela conta que ficou muito emocionada com o sentimento e a sensibilidade de Alcides ao interpretar as músicas de Agostinho. “Mexeu muito comigo, fiquei super emocionada, chorei um bocado. Fazia muito tempo que eu não tinha uma experiência musical tão rica. O compilado que Alcides fez das obras de Agostinho foi perfeito, fantástico. Foi muito interessante a maneira como ele contou a história da trajetória do compositor”, pontua Tatiana.

Cerca de dois meses antes dessa apresentação, o cantor e compositor Alcides Sodré subiu no palco do Teatro do CCJF para o show de lançamento de seu primeiro EP, *Em Mar Aberto*, acompanhado de sua banda. “Tive um abraço gigante do público. Algumas pessoas conheciam o meu trabalho e outras conheceram por conta da divulgação; acabaram me seguindo e hoje fazem questão de mandar mensagem nas minhas redes”, conta. Ele lembra que a apresentação foi um momento impactante de sua carreira, reforçando a certeza do caminho que está trilhando. “Sou dedicado à música contemporânea, carrego essa bandeira comigo e procuro dar voz aos compositores contemporâneos, contrariando a fala que não se faz música boa hoje em dia. Não por acaso o CCJF tem sido um vetor de muitos trabalhos com qualidade e fico feliz por isso”. Segundo Alcides, o lançamento do EP o ajudou a ter mais força para trabalhar em cima do próprio repertório. “Espero que no próximo ano estejamos novamente juntos para mais jornadas musicais”. Então, que venha 2025!





Organizadoras e convidadas do programa Usando a Língua, posam no palco do Teatro do CCJF

Usando a Língua: arte e identidade em cena

No dia 26 de novembro, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu no Teatro um verdadeiro programa de auditório, o *Usando a Língua*, da Cultne TV. O evento, parte da Mostra Cultural Consciência Negra, começou com a presença marcante de Asfilófilo de Oliveira Filho, ou melhor, o Mestre Dom Filó. CEO da Cultne TV, ele foi o primeiro homem negro a ter um programa de TV, na década de 1980.

Com a apresentação de Jana Guinond, atriz, pedagoga e Mestre em Patrimônio, Cultura e Sociedade pela UFRRJ, o programa da Cultne TV – a primeira televisão brasileira 100% dedicada à cultura negra –, recebeu três convidadas singulares: Marcelle Cordeiro, cirurgiã dentista de reabilitação oral, especialista em atendimento humanizado, Kiratiana Freelon, a jornalista e pesquisadora da Cultura Afro Brasileira, oriunda de Chicago, e DJ Bieta, pesquisadora das culturas de matrizes Afrobrasileiras e africanas diaspórica, além de participações especiais das professoras Júlia Jóia e Mônica Aniceto. Com o quadro *Língua Já*, o público pôde participar ativamente do programa, em um exercício de compreensão por meio das semelhanças. “Podemos nos reconhecer pelas coisas que temos em comum e que contribuem para que possamos nos reverenciar, mesmo pensando diferentes”, relatou Jana Guinond.

Renato Nogueira, doutor em filosofia pela UFRRJ, que não conseguiu comparecer ao evento, deixou um vídeo que marcou a sua breve, mas muito especial participação. Para ele, *Usando a Língua* tem tudo a ver com amor, porque o amor tem relação com expressão, com aquilo que a gente fala, aquilo que nós sentimos quando é colocado em uma expressão – seja via audiovisual, seja por meio de palavras ou texto. “O sentimento

ganha contorno, a gente consegue organizar. *Usando a Língua* é um programa que é feito com muito amor”, ressaltou Nogueira. Segundo a apresentadora, a realização do programa de auditório no CCJF foi a união de grandes potências na arte do *Usando a Língua*, em diversos setores da sociedade. “A língua é um Patrimônio Cultural Imaterial que possui um papel identitário de um povo, através de suas crenças e valores”, destacou Jana.



Tatianna Mattos, terapeuta corporal, faz massagem corporal em visitante no espaço terapêutico oferecido pelo evento

Trilhando Afrocuidado: um dia de resistência, conexão e celebração

Trilhando Afrocuidado, evento que fez parte da Mostra Cultural Consciência Negra do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), comemorou, nesta edição, um ano de atuação e relevância na celebração de cuidado a corpos negros. O projeto, idealizado por Giovane Oliveira, foi pensado como uma oportunidade de relaxamento, tranquilidade e troca de afetos. “É um momento em que podemos deixar lá fora todas as nossas questões difíceis, chegarmos aqui e relaxarmos, ouvirmos palestras e oficinas que somam para nós, pessoas pretas. É o momento de quem cuida ser cuidado”, destaca Giovane na abertura do evento. Com a presença de artesãos afroempreendedores, palestrantes e, ao final, um desfile de moda sustentável e uma animada roda de samba para celebrar a vida, o evento, realizado no Centro Cultural Justiça Federal no domingo, 10 de novembro, contou com aproximadamente 100 participantes.

Em entrevista ao CCJF, a palestrante Jacineide Soares – que faz parte do Coletivo Colo de Mãe Preta, organização de mulheres que se acolhem e se fortalecem contra o racismo –, ressalta a importância da iniciativa. “É fundamental termos eventos como esse, em que a gente consegue se reconectar, fazer *networking*, encontrar empreendedoras, apoiar os trabalhos de outras irmãs, que muitas vezes estão dentro de suas comunidades

desenvolvendo trabalhos incríveis, mas que não tem espaço de mídia”, pontua.

Com temáticas amplas e diversas, as palestras de Evelin Moura, defensora na luta de mães que perderam seus filhos por negligência do Estado, e Tatianna Mattos, terapeuta corporal e sexual, tiveram um destaque especial. Uma após a outra, ambas falaram sobre assuntos tão enriquecedores e, ao mesmo tempo, excepcionalmente divergentes. Evelin promoveu uma reflexão sobre o luto por perder seu filho, Moreno Moreira Nascimento. A fatalidade virou sinônimo de luta. O óbito causado por negligência médica a fez perdê-lo e lhe deu combustível para assumir as rédeas de uma batalha que não é apenas sua, mas também de muitas mães vítimas de inúmeros e brutais assassinatos dos respectivos filhos, mortos por uma sociedade que não enxerga nada além da cor da pele.

Já Tatianna, se viu sem jeito em assumir a roda de conversa após uma temática tão profunda como a de Evelin Moura, mas, mesmo assim, engrandeceu sua presença e convidou todos os visitantes a sentirem a energia de seus corpos sem nenhum tipo de pudor. O exercício corporal foi uma dança em um ritmo pouco convencional, ao som de uma música lenta e com os olhos fechados. *Trilhando Afroculadado* foi mais um dia dedicado a agradecer a ancestralidade afro e celebrar a raça negra.



Debatedores do 'Por trás das Câmeras' discutem, no CCJF, o racismo a partir do uso de tecnologias de vigilância no país

Por trás das Câmeras: a vigilância tem um alvo

No dia 22 de novembro, vozes potentes de artistas e especialistas preencheram o Cinema do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** em uma relevante discussão sobre o uso crescente de tecnologias de vigilância no Brasil a partir dos curtas-metragens *Toda câmera de reconhecimento facial tem um pouco de navio negreiro* e *Sorria, você está sendo vigiado*.

A conversa foi mediada por Pablo Nunes, coordenador do Centro de Estudos de Segurança Pública e Cidadania (CESeC), e conduzida pela designer Iane Cabral. O debate contou também com a participação do cineasta Jonas Feitosa, que produziu a arte inicial do curta *Toda câmera de reconhecimento facial tem um pouco de navio negreiro*, Vinicius Fernandes, cineasta e pesquisador do *Data Privacy*, e Yasmin Rodrigues, antropóloga e pesquisadora do CESeC.

Neste dia, as paredes do CCJF testemunharam, logo no mês da Consciência Negra, vozes que não apenas levaram mais de 40 pessoas para o cine debate, mas que também ameaçam banir a aplicabilidade do uso de uma inteligência artificial que não protege suas raízes. Assim como a sociedade brasileira atual, o negro está na mira de mais um artifício que mascara o racismo na “segurança pública”. Segundo os palestrantes, essas tecnologias de reconhecimento facial são fruto de uma perspectiva de espionagem que já têm um alvo pré-estabelecido em seu banco de dados. A discussão seguiu um rumo diferente dessas tecnologias, que tendem a ser taxativas. Foi a vez do diálogo ser o foco. Para os especialistas, o que é exigido não é o fim de tecnologias para a segurança pública, mas sim o fim de tecnologias para a segurança pública que não acompanham o desenvolvimento social e que tem na mira pessoas que, diariamente, lutam apenas para sobreviver.

De acordo com a palestrante Yasmin Rodrigues, há muitas formas de imaginar um futuro possível e, certamente, a arte é uma delas. “Acreditamos que a arte tem poder de fazer as pessoas criarem, refletirem, explorarem a criticidade e, por isso, o CESeC tem apostado nessa linguagem como forma de abordar os dados das pesquisas que realizamos e de fazer chegar a mais gente a importância da defesa dos Direitos Humanos, com muita urgência no campo da segurança pública. Quando vivemos cercados de tragédias e violações de direitos, é fundamental resgatar o que em nós quer criar um mundo novo. Nossa passagem pelo CCJF marca um passo importante de um caminho longo que vai nesse sentido”, destacou.



Trilhando Afrocuidado: uma proposta ancestral do bem viver

por Giovane Oliveira Vieira, bióloga, terapeuta integrativa e idealizadora do Trilhando Afrocuidado.

O projeto Trilhando Afrocuidado, idealizado por Giovane Vieira, trouxe atividades para o CCJF em novembro, no

“O autocuidado para mulheres e homens negros é uma urgência de vida, frente ao racismo estrutural que nos adoce e mata todos os dias. Partindo desse incômodo, entendi a necessidade de ir além do discurso, era preciso colocá-lo em prática.”

*âmbito da Mostra
Consciência Negra.*

Olá, sou Giovane, filha de José e Maria, nascida em Duque de Caxias, Baixada Fluminense, sagitariana e feliz por ser uma mulher preta. Sou, existo e re-existo pois carrego em minhas entranhas, os afetos, saberes e encantamentos de minhas ancestrais. Em 2019, criei a Rede Makeda, um afroempreendimento de saúde e bem-estar baseado em terapias de autocuidado afrorreferenciadas. Como bióloga e também terapeuta integrativa, percebi na minha jornada que o autocuidado para mulheres e homens negros é uma urgência de vida, frente ao racismo estrutural que nos adocece e mata todos os dias. Partindo desse incômodo, entendi a necessidade de ir além do discurso, era preciso colocá-lo em prática.

E assim, em 2023, nasce o Projeto *Trilhando Afrocurado*, como uma proposta de cuidarmos de nós, entre nós e por nós. Para além da terapêutica, também é uma proposta de celebração dos nossos corpos e uma forma de agradecimento aos nossos ancestrais que nos deixaram saberes e práticas singulares, que além de tudo, alicerçam o autoconhecimento, promovem autoestima e fortalecem o autocuidado. E por isso, por aqui, chamo de afrocurado. Afinal, é no movimento de Sankofa – estratégia da população negra para lidar com o racismo e o colonialismo, buscando recuperar a identidade pessoal e coletiva – que Orí-entamos nossos cuidados. Assim, reverenciamos quem veio antes, ou seja, aqueles que construíram as trilhas para que nossos passos de hoje sejam firmes na construção de um futuro mais igualitário.

Na cosmovisão africana, autocuidado não é um ato solitário, mas um cuidado inteligente de si, do outro, do território em que vivemos e da relação com todas as formas de vida do ecossistema local e global. Como diz Bell Hooks, autora, professora, teórica feminista e ativista antirracista estadunidense: “raramente, se é que isso que acontece, nós nos curamos em isolamento. A cura é um ato de comunhão.” A trilha do afrocurado é matriarcal e circular, compreendendo que o bem viver coletivo inclui práticas sustentáveis, respeitadas das naturezas, com impacto social e ambiental. E, por esta razão, os cuidados terapêuticos do *Trilhando* ficam nas mãos de mulheres pretas e indígenas, que trazem consigo, as medicinas ancestrais. A circularidade do cuidado vem do útero, do lugar do gestar e criar potencialidades que não se encerram, se nutrem a cada volta em torno do cuidar e do bem viver.

Quando desenhei o *Trilhando*, foi pensando no bailado das matas, nos sons das correntezas de um rio, nos aromas que rememoram o cheirinho de casa de vó e no tanto de cura que esses lugares guardam. É assim que começa o acolhimento quando os participantes chegam para passar um dia inteiro imersos no afrocurado. O *Trilhando* inicia-se no sorriso, afetos e na recepção com café da manhã, porque é no compartilhar do café que as barreiras vão se desfazendo e a alma se prepara para estar leve, desperta para todos os sentidos, receptiva ao toque terapêutico, para escuta amorosa, para o compartilhar de vivências. As dimensões do afrocurado vão além do corpo físico, atingem outras camadas de cada um de nós, de quem recebe e de quem cuida.

Como trilha de afrocurado, cada participante compartilha o cuidar de si e o cuidar de outro. E no modelo de circularidade, os participantes passam por estações terapêuticas de cuidado, que incluem momentos de relaxamento e bem-estar, além das trocas nas rodas de conversa e oficinas. Bem viver também é geração de renda e o *Trilhando* pauta pela economia criativa com presença de afroempreendedoras artesãs com suas criações, exibidas durante todo o evento. Por falar em autoestima e beleza, no *Trilhando* também acontece o desfile de moda sustentável afropindorâmico, com modelos que incluem participantes do projeto. E depois de um dia inteiro cuidando de si, nossos participantes caem no samba, porque o *Trilhando* só encerra quando a roda de samba acaba! Brindamos nossa existência, cantamos, dançamos, celebramos e agradecemos a ancestralidade por existirmos!

E tudo isso só é possível, porque três amigas parceiras acreditaram no meu sonho e, juntas, organizamos essa grande TRILHA! Gratidão Cristiane Mendes, Ana Lourenço e Priscila Teodoro.



📧 Leitores(as), por conta do recesso do judiciário, esta foi a última edição do ano de 2024 da **Vitral Cultural**. Desejamos boas festas e um sincero feliz 2025! A próxima edição da newsletter está programada para ir ao ar no dia **10 de fevereiro**.

Agradecemos a todos(as) que nos prestigiaram neste ano. O ano de 2025 promete uma programação cultural recheada de boas atrações, e que continue rendendo ótimas pautas. Esperamos vocês. Até lá!

[Ver este email no navegador](#)

Recebeu este e-mail por ter uma ligação com a Centro Cultural da Justiça Federal. Por favor [reconfirme](#) o seu interesse em continuar a receber os nossos e-mails. Se não desejar receber mais e-mails poderá [remover a sua subscrição aqui](#).

Essa mensagem foi enviada para tcbalthazar@gmail.com por imprensa.ccfj@trf2.jus.br
Av. Rio Branco, 241 - Centro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 20040-009, Brazil

Verificação de Remoção de Subscrição™ [Remover Inscrição](#) | [Gerir Subscrição](#)



This is a Test Email only.

This message was sent for the sole purpose of testing a draft message.